



## **REVISTA PALÍNDROMO**

**ISSN 2175 2346**

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

Reitor: Prof. Dr. Marcus Tomasi

## **CENTRO DE ARTES – CEART**

Diretora Geral: Prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

## **DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – DAV**

Chefe: Prof. Dra. Sandra Maria Correia Fávero

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – PPGAV**

Coordenadora: Prof. Dra. Jocielle Lampert de Oliveira

## **EDITORES**

Prof. Dra. Rosangela Cherem (editora chefe)

Prof. Dra. Sandra Ramalho e Oliveira

Prof. Dra. Yara Rondon Guasque Araújo

## **EDITOR DE SESSÃO**

Prof. Dra. Sandra Ramalho e Oliveira

## **CORPO EDITORIAL TÉCNICO**

Discentes bolsistas de mestrado e doutorado do PPGAV:

Ms. Viviane Baschiroto (coordenação)

Ms. Silfarlem Junior de Oliveira

Ms. Rafael Schultz Myczkowski

Carla Fonseca Abraão de Barros

Cheyenne Luge Oliveira

Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira

## **CONSELHO DE PARECERISTAS – Palíndromo v.09, n.19, 2017**

Christiane de Faria Pereira Arcuri

Gustavo Araújo

Isabela Nascimento Frade

Juan Terenzi

Luana Maribele Wedekin

Luan Seignani  
Maria Barbosa  
Mário Carvalho  
Nadia Senna  
Sandra Ramalho e Oliveira

**FOTO DA CAPA**

Ms. Ana Sabiá

**DIAGRAMAÇÃO**

Ms. Airton Jordani Jardim Filho

**CONTATO**

revistapalindromo@udesc.br

A Revista Palíndromo é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Existe desde 2004, inicialmente na forma impressa e depois apenas em modo eletrônico a partir de 2009. Trata-se de uma revista digital sem fins lucrativos e concebida para ser um veículo de divulgação de pesquisas e produção de conhecimento, devidamente inscrita na plataforma do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

Palíndromo é uma palavra de origem grega que indica o que pode ser lido numa direção e também no sentido inverso, ou seja, de trás para frente. Aversa à ordem e às normas pré-estabelecidas, a pesquisa em/ sobre artes visuais remete não apenas a normas negadas, como demanda constante revisão de dados, processos e reorganização de ideias, acolhendo o que pode ser pensado como trânsito e travessia que desconhece uma só direção.

# Sumário

<b>EDITORIAL</b>	06 - 08
<b>ESPECIAL</b>	
POR MORALISMO TORPE, PESSOAS DECIDEM ELIMINAR A REFLEXÃO E NEUTRALIZAR A ARTE Jorge Coli	09 - 12
<b>SESSÃO TEMÁTICA</b>	
EPISÓDIO <i>QUEERMUSEU</i> : REFLEXOS DO DESPREPARO SOCIAL EM TORNO DA ARTE Alessandra Paula Rech, Danielle Schutz	13 - 30
A ARTE E OS DISCURSOS INTOLERANTES QUE OS CERCAM Alessandra Azevedo Jantorno, Moema Martins Rebouças	31 - 42
AS CENSURAS CONTRA <i>GUEVARA, VIVO OU MORTO...</i> DE CLAUDIO TOZZI Alexandre Pedro de Medeiros	43 - 66
<b>SESSÃO ABERTA</b>	
O ENSINO SUPERIOR ARTÍSTICO ATUAL: PERSPECTIVAS E DILEMAS Mônica Oliveira	67 - 86
<b>ENTREVISTA</b>	
A POÉTICA DOS DESVIOS NA MONTAGEM VISUAL DE ÍCARO LIRA Eduarda Kuhnert	87 - 96
ENTREVISTA COM AFONSO MEDEIROS Ana Paula Sabiá	97 - 104
<b>PROPOSIÇÕES, REGISTROS E RELATOS ARTÍSTICOS</b>	
MOSTRA SEM CENSURA Anna Karoline de Moraes Silva	105 - 120
DO PAPEL DAS RELAÇÕES ENTRE PALAVRA E IMAGEM NAS QUESTÕES DE GÊNERO Leonardo Motta Tavares	121 - 128

O advento da organização deste número da Palíndromo, às vésperas de se completar a segunda dezena de periódicos de uma revista jovem, já conceituada pela CAPES como B1, embora tão nova quando a vida do PPG ao qual está vinculada, o PPGAV da UDESC, foi surpreendido por uma grande discussão em torno da arte, excessivamente eloquente, quando tantas vezes a arte precisou desta participação enfática e não a obteve. Lamentavelmente. Parece mesmo que o atual estado de coisas, entendido por muitos como radical, foi necessário, altamente necessário, para que a sociedade se lembrasse de que existe arte e artistas, e de quais sejam suas funções, entre outras, a de atuar como prenúncio de fatos e situações da sociedade, isto entendido de vários modos.

Mas o presente embate, cuja virulência extrapola o ambiente e mesmo o campo artístico, vem se travando dentro da bipolaridade geralmente leiga, no âmbito das redes sociais e da tevê aberta, espaços inadequados, tanto quanto o da crítica gratuita que esquece que vai à exposição e leva seus filhos quem quer, pois são espaços privados.

Em suma, no cerne das discussões está a questão da censura e segmentos diversos da sociedade vêm considerando as oposições de pensamento como oposições políticas e morais. E o dualismo se exacerba. Arte transita entre todas as angústias humanas, que em nada são duais.

A arte, com sua função de quebrar paradigmas, acidentes de significação, tem se defrontado com a censura, ao longo dos séculos, sendo ela objeto de estudo de diversos campos, com destaque para o Direito e a Filosofia, pois ambos se ocupam da Ética, que desde tempos imemoriais envolve a Arte.

Nas Artes Visuais, a censura voltou-se contra obras hoje plenamente aceitas, como "O Juízo Final", de Michelangelo (1565), então considerada imoral, digna de um bordel; "Olympia", de Manet (1865) que incomodou pelas características realistas do nudismo que apresentava, considerado vulgar; "A Origem do Mundo", do também realista Courbet (1866), que mostra uma vulva em primeiro plano e escandalizou o mundo. Na Literatura, a censura muito tem andado à espreita, bastando mencionar dois fatos históricos, a publicação do *Index Librorum Prohibitorum* lista de livros proibidos pela Igreja Católica, vigente de 1559 a 1966; e a grande queima de livros da lista negra de Hitler (1933), que pretendia fazer uma "limpeza" na Literatura.

Tão antiga quanto condenada, a existência de censura, expressa de modos diversos, levou Flaubert a afirmar (1852) que “a censura, seja qual for, parece-me uma monstruosidade, algo pior que o homicídio: o atentado contra o pensamento é um crime de lesa-alma”. E, ainda antes dele, o poeta Petrarca (1304-1374) expressava em um verso: “... tal, censurando os outros, censura a si mesmo”.

Há uma nova onda de puritanismo resultando em censura e assolando as Artes Visuais no Brasil, enquanto que em Paris o Musée D’Orsay mobiliza o público com a seguinte chamada: “traga seu filho para ver o nu”. E lá estão “Olympia” e “A origem do mundo”. Até que ponto existem coincidências?

Em 15 de outubro, a Folha de São Paulo, publicou o artigo do Professor Jorge Coli: “Por moralismo torpe, pessoas decidem eliminar a reflexão e neutralizar a arte”. Embora dispense apresentações, não é demasiado lembrar que se trata de um decano do estudo da arte no país e fora dele, referência obrigatória para todos da área, figura respeitada pelas posições assumidas durante mais de três décadas acerca da compreensão e da defesa da arte (por quê temos sempre que defende-la?). Na mesma data, a ele solicitamos autorização para reapresentar seu texto, como modo de introduzir o debate.

Após essa sessão especial, a sessão temática apresenta inicialmente um artigo denominado “Episódio *Queermuseu*: reflexos do despreparo social em torno da arte”, com objeto e posicionamento das autoras Alessandra Paula Rech e Danielle Schutz explícitos no título. “As censuras contra Guevara vivo ou morto de Cláudio Tozzi”, trabalho de Alexandre Pedro de Medeiros, afasta-se das polêmicas nacionais e aborda o tema da censura sob outro aspecto. Ainda na sessão temática, Alessandra Azevedo Jantorno assina o artigo “A arte e os discursos intolerantes que a cercam”, retomando episódios recentes de censura a fatos, bem como suas distorções nas redes sociais, refletindo sobre o papel do professor de arte em um tempo onde a censura se camufla, pois censurar, às vezes, torna-se impossível.

Na sessão aberta, Sandra Mônica Figueiredo Oliveira apresenta um texto com reflexões sobre o ensino de arte no ambiente universitário, o qual intitulou de “O ensino superior artístico atual: perspectivas e dilemas”. Na sessão entrevista, a Palíndromo recebeu duas contribuições: Eduarda Kuhnert entrevista Ícaro Lira, e denominou o diálogo de “Políticas dos desvios na montagem visual de Ícaro Lira”, que nos traz a aproximação com a poética desse artista contemporâneo. Na mesma sessão, Ana Sabiá traz Afonso Medeiros, que se auto-intitula *Arteamador*, *Artehistoriador*, *Arteeducador*, especialmente para conversar sobre posicionamentos que o tornaram fenômeno midiático nas redes sociais, acerca do tema focado neste número da Palíndromo.

Na última sessão, intitulada “Proposições, registros e relatos artísticos”, dois trabalhos interagem com os textos exclusivamente verbais. O primeiro, intitulado

“Sem Censura”, é homônimo ao de uma mostra realizada em Florianópolis, cujas características e demais dados são apresentados por Anna Karoline de Moraes Silva, a título de introduzir uma curadoria de imagens selecionadas especialmente para dialogar com esta edição. Por último, Leonardo Motta Tavares apresenta um ensaio visual ao qual deu o título de “Do papel das relações entre palavra e imagem nas questões de gênero”.

Em meio às acusações de falso moralismo, hipocrisia e obscurantismo de um lado, e de permissividade e estímulo a relações sexuais criminosas de outro, como o professor de arte se conduz ao abordar tais assuntos com seus alunos? E os mediadores de espaços culturais, estão preparados para “defender” a arte? E os teóricos, críticos, curadores, historiadores, como podem contribuir para a discussão educacional, considerando-se a escola não apenas um espaço de formação, mas igualmente, de exercício da cidadania, o que só existe com liberdade?

Se é difícil a posição dos professores de arte, mais ainda o é a dos pais, dos avós, dos formadores em geral das próximas gerações, diante da “pornografia” sem censura que adentra aos nossos lares pela tevê ou pelas redes sociais, dando conta de todas as transgressões éticas e morais não apenas de nossos governantes, mas dos mais diversos segmentos de nossa sociedade. O que a arte propõe não são fatos consumados. A arte quer apenas discutir pontos de vista, alargar horizontes, desmitificar “moralismos torpes”. O que a sociedade apresenta nas telas de todas as dimensões, são situações irrevogáveis, do tráfico de drogas à corrupção de políticos, das agressividades banais cotidianas aos assassinatos por motivos fúteis. Como a arte pode mudar as condições de vida, não para melhor, numa visão idealista, mas em uma perspectiva ao menos tolerável?

Profa. Dra. Sandra Ramalho e Oliveira  
Editor de Sessão